

## “THE FACE OF SOUTH AMERICA”

O livro *The face of South America*, de JOHN LYON RICH, publicado em 1942 pela American Geographical Society, (New York) diz bem com o título: mostra a face da América do Sul, tal como é vista dum avião, voando nas alturas normalmente adotadas nas rotas comerciais.

Para usar as próprias palavras, escritas numa capa que envolve o livro, a obra apresenta um panorama da América do Sul como o viajante observa do ar. Plantações na planície costeira da Guiana, largos estuários do delta amazônico com seus canais serpeantes e ilhas cobertas de matas; savanas e carrascos da zona seca do Brasil; planaltos cafeeiros do sudeste do Brasil, pampas abertos da Argentina; encostas ásperas dos Andes; desertos causticantes do Chile, terras aprumadas da costa peruana, as bacias de Quito e Bogotá orladas de montanhas, êsses panoramas e muitos outros são apresentados ao leitor.

Em 1939 o Dr. RICH, professor de geologia na Universidade de Cincinnati, realizou uma viagem aérea nas linhas comerciais, em tórno da América do Sul. Durante o percurso tirou mais de 900 fotografias do ar das quais, cêrca de um terço juntamente com algumas vistas terrestres são reproduzidas no livro em aprêço.

O texto interpreta em detalhe as formas da terra e das águas, os aspectos da vegetação e o trabalho do Homem reproduzido nas fotografias.

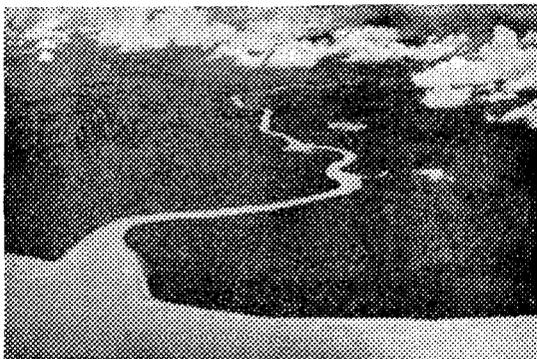
E' uma obra para ser consultada repetidas vêzes, não tanto pelo texto, como pelas ilustrações. Trata-se, principalmente, dum álbum de vistas aéreas, acompanhadas de comentários sôbre as regiões. No livro o que ressalta são as vistas, algumas muito mais expressivas que as descrições, realizando assim amplamente o *desideratum* do autor.

Mr. JOHN RICH fêz sua viagem munido de autorização para tirar fotografias aéreas e com raras exceções foi felicíssimo nas vistas tomadas. Numa introdução de 9 páginas explica a finalidade da obra e faz algumas considerações sôbre o continente, mostrando, entre outras cousas, que a América do Sul é uma terra de oportunidades. Sob êsse conceito, tece algumas considerações fazendo ver que não se trata aqui de oportunidades para um individuo fazer fortuna, mas oportunidades para obras grandiosas, realizáveis sômente por corporações dispondo de grande capital e de corpo técnico especializado para trabalhos de grande envergadura. E que os problemas em geral são de tal magnitude que escapam à esfera de ação do individuo, e exigem um esforço de conjunto e muito grande.

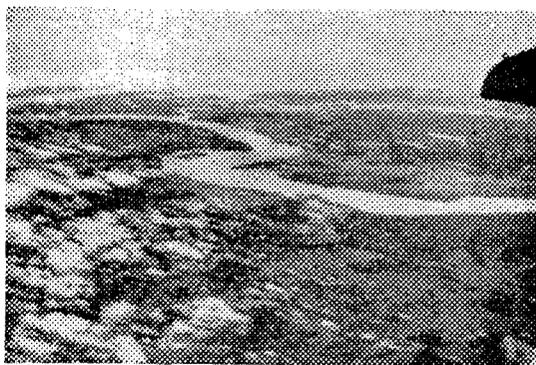
Em livros de viagem e na imprensa, a América do Sul é repetidamente caracterizada por expressão como “uma terra de oportunidades” ou “uma terra de riquezas indescritíveis”. Entretanto, para alguém que tenha feito o circuito do continente por via aérea e tenha estado também em terra, fora das principais cidades, parece ser mais bem caracterizada como uma terra de problemas que desafiam solução.

Dentre os problemas mais importantes a serem considerados na América do Sul cita o uso dos extensos campos para outros fins além de pastagem, as terras em que a uma estação fortemente pluviosa se sucede outra de seca intensa; o desenvolvimento das plantações próprias às zonas tropicais e a provisão dos mercados; a conquista dos vales das baixadas sujeitas ao impaludismo; o desenvolvimento e a utilização do enorme potencial hidroelétrico da bacia do Paraná e dos tributários meridionais do Amazonas; a falta, quase total, de carvão e ferro, e o limitado potencial hidroelétrico de uma região tão grande quanto a República Argentina; a falta de meios de transporte terrestres; os grandes latifúndios e finalmente os problemas sociais extremamente difíceis da região andina consequentes à conquista espanhola, são as principais questões postas em evidência.

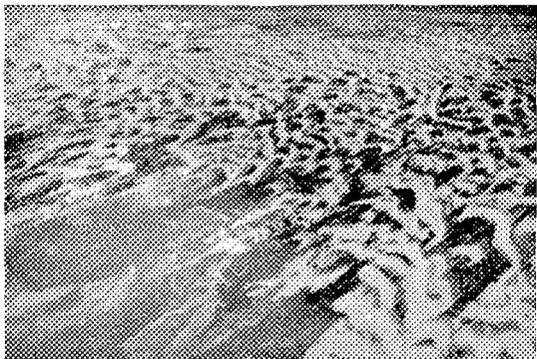
O autor salienta em certos trechos que as cidades são como as flores que dependem da planta para lhes dar vida e nutrição; assim as cidades dependem da região que lhes fornece a subsistência e a vida. E' assunto que preocupava sempre a DEFFONTAINES quando esteve entre nós — as vias de acesso e a zona de fornecimento às grandes cidades.



*Cabo Raso, ponto mais oriental da América do Sul  
ao N. do Amazonas  
(WSW de 1°43' N., 49°52' W)*



*O rio Turtassú cercado de mangues densos e  
savannas.  
(N. de area de 1°59' S., 45°16' W.)*



*Dunas costeiras acêrca de 75 milhas este-nordeste  
de São Luiz  
(N. de 2°27' S., 43°12' W.)  
O debaixo indica direção de ventos NE constantes*



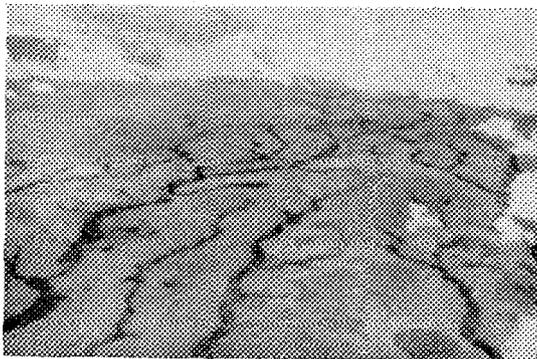
*A planície costeira e antigas linhas de costa.  
(SW. de 15°39' S., 38°56' W.)  
Canavieiras aparece no fundo e o rio Jequitinhonha no fundo, à esquerda.*



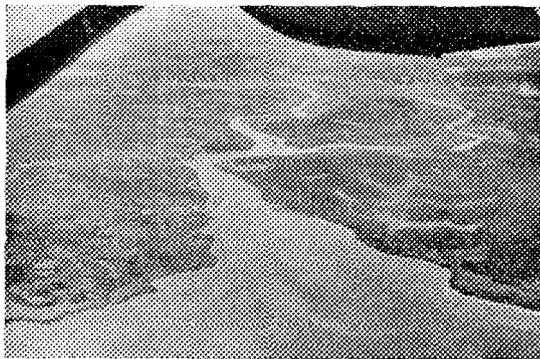
*Antigas cristas de praia ao longo do litoral no  
lado S. do delta do Jequitinhonha, 19 milhas  
ao sul de Canavieiras  
(E. de 15°57' S., 38°58' W)*



*Cristas de praias elevadas e uma antiga linha de  
costa em Ponta Grande, 46 milhas ao sul de  
Canavieiras.  
(ESE, de 16°22' S., 39° 3' W).*



*A planície costeira coberta de capim a oeste de Caravelas (WNW, de 17°48'S., 39°18'W)*



*O pôrto e as cercanias de Santa Cruz (W, de 19°55'S., 40°4'W) O estuário é circundado por uma escarpa marinha*



*Vales submersos acêrca de 18 milhas a nordeste de Vitória (W, de 20° 5'S., 40° 11'W)*



*Vale submersos acêrca de 18 milhas a nordeste de Vitória (NNW de cêrca de 20° 58'S., 40°58' W)*



*Desenhos do fundo do oceano e um pontal em formação na parte mais ocidental da restinga da Marambatã, uma barra externa 45 milhas a oeste do Rio de Janeiro (S, de 22° 58'S., 43° 54'S)*



*Olhando através da cadeia costeira para o vale do Paraíba, 51 milhas a oeste do Rio de Janeiro (N. de 22° 59'S., 43° 58'W)*

Procurou o autor mostrar através das fotografias a grande variedade de ambientes determinada pelo clima e pelo relevo, ressaltando a influência que isso deve ter tido sobre seu povoamento e seu desenvolvimento.

As florestas tropicais da planície ao longo da linha de vôo, entre o Orenoco e São Luiz do Maranhão, bem como as do noroeste da Colombia e istmo de Panamá, em geral resistiram a tôdas as tentativas de povoamento; as vistas apresentadas e a história de tais zonas, mostram que essas florestas são impróprias a um sistema de exploração pioneira individual. A paisagem de tais zonas contrasta com as da costa das Guianas, hoje cultivadas e outrora planícies pantanosas sem florestas.

Salienta o autor que a região semi-árida do Nordeste do Brasil foi colonizada anteriormente à chegada dos peregrinos a Plymouth Rock, e no entanto ainda constitue um "problema de área". As zonas mais elevadas, onde há mais chuvas, são densamente povoadas, conforme mostram as fotografias tomadas, porém o desenvolvimento da maior parte dessa área tem sido dificultado pelas repetidas sêcas devastadoras. Lembra que o problema de açudagem e irrigação esposado pelo govêrno não ficou demonstrado se resolverá ou não a situação, mostrando mais uma vez como é falha a idéia de terra de oportunidades individuais. Sobre a zona Nordeste Ocidental, de transição entre as florestas úmidas e as caatingas diz que parece haver uma possibilidade para o desenvolvimento duma importante indústria de óleo de babaçú, quando se fizerem plantações regulares e utilizar-se maquinária adequada à extração do óleo.

Um dos fatos salientados no livro é a falta de comunicações terrestres no Brasil, paralelamente à costa e o desenvolvimento das culturas, principalmente de café, na região montanhosa entre Vitória e Rio de Janeiro, a despeito de floresta. Num ambiente similar entre Rio e São Paulo nota que não se verifica fenômeno idêntico, "por alguma razão não evidente na topografia".

O autor não foi informado de que se processou o mesmo fenômeno no vale médio do Paraíba, e que o esgotamento das terras fêz cessar as culturas, que passaram para o planalto paulista, na zona da terra roxa, e para a região montanhosa do sul de Minas e Espírito Santo.

Salienta que a maior parte da zona entre São Paulo e Curitiba é duma selvageria intacta, a topografia áspera é de molde a relegar muito o desenvolvimento da região; entretanto a oeste de Curitiba as terras do planalto oferecem solo e clima favoráveis. Essas terras têm tido bastante desenvolvimento na parte oriental, embora ainda estejam no estado pioneiro para a oeste, onde os vales são flagelados pelo impaludismo.

A umas cem milhas a cada lado do rio Paraná a floresta permanece quase sem ser tocada, a despeito do fácil acesso pelo rio, da topografia suave e do solo vulcânico; uma tal região com clima favorável e livre de impaludismo, deveria ter sido mais povoada.

E assim, expendendo conceitos às vêzes bem interessantes discorre o autor também sobre outros países da América do Sul, com a impressão de observador aéreo, concluindo que as grandes oportunidades que o continente apresenta, só poderão ser realizadas através de aplicação inteligente dos conhecimentos científicos para a conquista das condições adversas do ambiente.

Descrevendo a viagem, em seus pormenores mais importantes, diz o autor que seu primeiro golpe de vista sobre o Brasil foram os pântanos perto do rio Uacá, depois de 2 horas de viagem sobre as nuvens que cobriam a Guiana Francesa. Descreve então minúcias de aspectos, salientando as feições da costa baixa, de mangues e aluviões.

Perto do cabo Raso do Norte verifica a ação ativa do mar sobre a linha de costa; enquanto dum lado as águas estão se batendo contra a muralha do mangue, à esquerda fica exposta uma planície de lama, na maré baixa. Atrás se nota uma antiga linha de costa, com outras menos distinta entre ela e a costa atual. Por trás da antiga linha de costa as árvores da floresta são muito maiores, e pode se ver alagadiços entre elas, mais para trás pequenos rios descrevem meandros na mata.

Seqüência similar de feições da costa foram observadas para o sul do estuário do rio Araguaí, e são descritas e fotografadas.

Marajó e as bôcas do Amazonas são comentadas e há uma nota interessante sôbre Belém. Prendeu a atenção do autor o uso abusivo de telhas ou ladrilhos na capital do Pará; para revestimento de fachadas de edifícios, para pavimentação de passeios e para formar uma multidão de tabuletas de anúncio. Para o autor a razão disso é a deterioração da madeira e do papel naquele clima. Não parece ter fundamento essa explicação, antes a razão de ser atribuída à tradição portuguesa, tão nítida em Belém do Pará.

De Belém a Camocim observa muita cousa interessante, ressaltando pequenas culturas em áreas circulares dentro da floresta, o rio Guamá, côr de vinho pela mistura de pequena quantidade de silte com a água preta das florestas. Sôbre a Guiana Maranhense relata várias observações e tem a gentileza de citar um artigo da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA (Vol. 1, n.º 4, pgs. 26-54) classificando-o de excelente. E continuando os comentários, sempre interessantes, sôbre a costa maranhense, a foz do Parnaíba, o litoral cearense antes de Camocim, que êle sintetiza na descrição de região pantanosa, com muitas *inlets* de maré e uma franja de dunas ao longo de grande parte da costa. De Camocim a Fortaleza a rota passa por dentro da costa e se aprecia uma paisagem antiga de rochas graníticas com *monadnocks* e massas graníticas isoladas.

Trata-se da borda do peneplano cristalino do Nordeste e da Serra de Uruburetama. Viajando nesse trecho certa vez o autor dêste comentário teve ocasião de observar, bem na costa, provavelmente na ponta de Jericoacoara, exposição de falezas de rochas cristalinas de xistosidade pronunciada, feição topográfica ainda não assinalada ali nos tratados de geografia do Brasil. Êsse aspecto não foi observado pelo autor do livro em aprêço que passou mais para o sul. Descrevendo a paisagem por aí, salientou que se entra na região semi-árida e nota que a serra de Uruburetama

“montanha àasperamente alcantilada de rochas ígneas, cujas partes mais altas não expunham rocha viva, porém eram cobertas esparsamente por uma mata rala (brush)”.

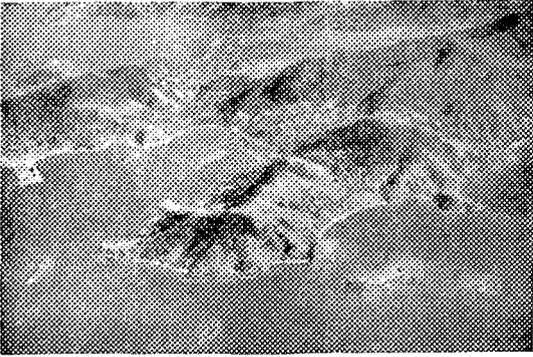
Refere-se à serra de Maranguape com suas culturas em tórno, graças à influência da umidade, à região de Mossoró e Assú, onde se via, através dos espaços abertos entre as nuvens, a região árida, de vegetação raquítica porém regularmente cultivada.

Passa pela borda do planalto da Borborema, de relêvo moderado, provavelmente, diz êle, entre 300 e 800 pés. Topografias entre maturidade e velhice. Em grande parte da área, cadeias distintas correm entre E e NE porém em outros pontos não se vê a forma de cadeias e as rochas parecem graníticas. O planalto geralmente tem claros de vegetação, salvo nas partes mais altas e nas colinas mais aprumadas.

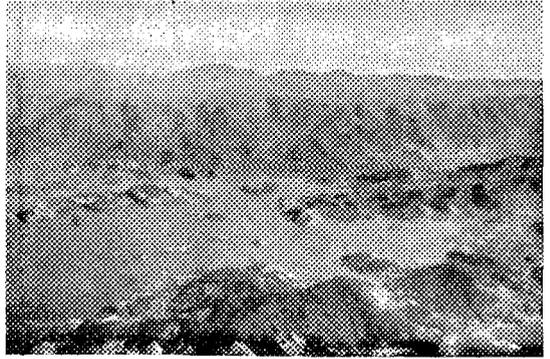
A vegetação nativa dum tipo de carrasco ocorre nas partes mais baixas e a floresta nas partes mais elevadas. A população é relativamente densa e podem-se ver estradas. Ainda aqui a terra era sêca e castanha no meado de Fevereiro. O algodão parece ser uma cultura importante, a mandioca é plantada largamente e parece que se pratica uma agricultura geral. Grande parte das paisagens lembra o Planalto dos Aleganis, na Virginia Oriental.

Entre Recife e Salvador novas chapas ilustraram a fisiografia ao longo do litoral. Dez milhas ao sul do Recife o panorama é de uma costa bordada por uma planície costeira pantanosa, estreita e recente, cuja margem marítima é orlada por uma plantação de coqueiros. Para o interior, uma planície elevada e dissecada em rochas vermelhas e moles estende-se para trás umas 20 milhas até a borda do planalto de rochas cristalinas que em elevação até 3 000 pés forma a linha de horizonte ao longo de metade da costa oriental do Brasil.

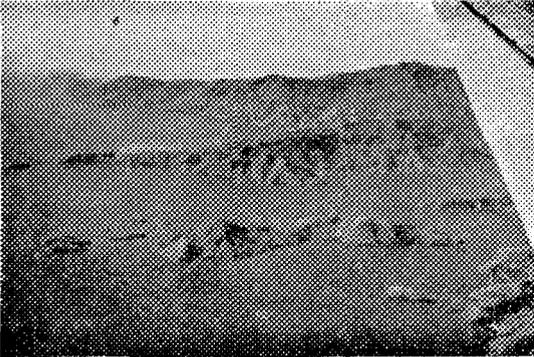
Ao sul de Maceió a planície costeira acusa uma topografia de juventude de relêvo moderado coberta de mato ralo com clareiras de vez em quando. Duas massas de água nos fundos dos vales à direita, provavelmente são ramos da lagoa de Jequiá; — uma daquela série de lagos produzidos pela submersão recente do solo inundando os vales juvenis, dando origem a baías, posteriormente convertidas em lagos pelos entulhamentos de areias nas barras. Cita as plantações de cana, pequenas, espalhadas por todo o litoral desde Recife, até o sul de



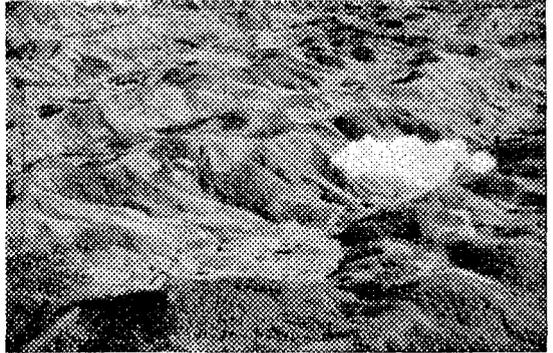
*Topografia submergida típica das montanhas costeiras a leste de Angra dos Reis*  
(N. de 23° 4'S., 44° 17'W)



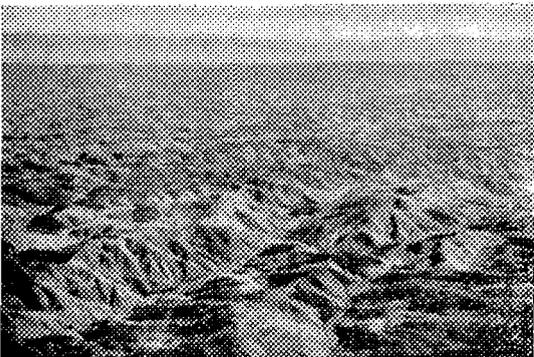
*A topografia submersa, escarpa costeira e a distância a garganta do Paraiba perto de Angra dos Reis (à direita, em baixo)*  
(N. de 23° 4'S., 44° 20' W)



*As montanhas parcialmente submersas que terminam no cabo Joatinga*  
(SSE, de 23°8' S., 44° 37' W)



*Um planalto maduramente dissecado de relevo moderado no tópo da escarpa costeira, 102 milhas a leste de São Paulo*  
(N, de 23° 14' S., 45° 2'W)



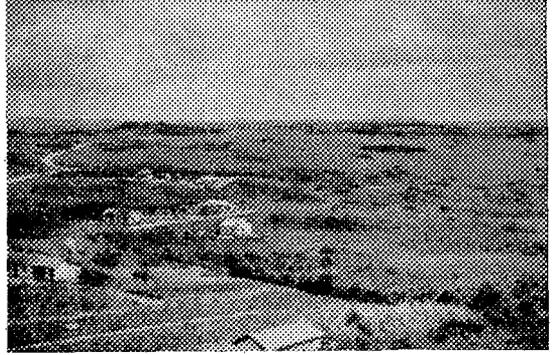
*O planalto maduramente dissecado, a garganta do Paraiba e a serra da Mantiqueira na linha do horizonte, visto de 98 milhas a E. de São Paulo*  
(N, de 23° 15'S., 45° 5'W)



*Modelos de topografia, vegetação e cultura no planalto a 60 milhas a E. de São Paulo*  
(N, de 23° 21'S., 45° 40'W)



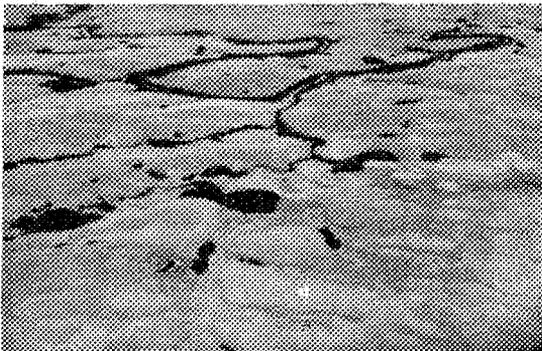
*Vegetação natural e paisagens de cultura na topografia madura do planalto, acerca de 36 milhas a E. de São Paulo  
(NE, de 23° 26'S., 46° 4'W)*



*Cultura de flores e pomares nos campos da bacia de São Paulo, cerca de 10 milhas a E. de São Paulo*



*A parte oriental da grande cuesta arenítica a 25 milhas a oeste de Curitiba. O arenito da capa comumente forma escarpas verticais  
(S, de 25° 24'S., 49° 40' W)*



*Campos naturais utilizados para pastagem de gado a 18 milhas a oeste de Guarapuava  
(SE, de 25° 28'S., 51° 44' W)*



*O rio Iguassú correndo em meandros largos através das florestas virgens, cerca de 68 milhas a E. das quedas do Iguassú  
(SE, de 25° 26' S., 53° 22' W)*

Maceió; trata do delta do São Francisco e da costa até o Salvador. Dai passa pelo mar e só começa a descrever a boca do rio Maraú, uma grande barra arenosa cuja forma parece indicar predominância de correntes costeiras do sul e assim vai descrevendo os pontos singulares da costa. Resumindo as observações acentua a falta de aproveitamento da costa entre Recife e Vitória, exceção feita de alguns trechos pequenos, junto a alguns portos, e nas plantações de côco. Além dos pontos citados somente alguns claros na florestas denunciam a atividade humana.

Faltam quase completamente as comunicações por terra entre os vários pontos da costa; os caminhos e as estradas de ferro partem da costa para o interior, em busca de áreas produtoras. Ilhéus é um exemplo de ponto de concentração da segunda região produtora de cacau no mundo.

A planície costeira, entre o mar e a borda do planalto, em geral é suficientemente elevada para garantir uma boa drenagem, e tem sido mais ou menos maturamente dissecada pelas correntes. Via de regra, a topografia não é desfavorável, na maior parte do caminho o solo parece ser arenoso e infértil. O autor observa com propriedade êsses fatos e no mapa demográfico publicado pelo I. B.G.E., verifica-se bem a rarefação demográfica num trecho que vai do sul da Baía até Vitória, como que separando o norte do sul do Brasil. Ressalta o autor a grande disseminação das terras pantanosas e o crescimento da costa mercê dos sedimentos depositados em tempo relativamente recente. Canavieiras permite a observação das várias linhas de costa, podendo-se contar os múltiplos contornos mais ou menos paralelos. Essa feição só pôde ser bem esclarecida quando foi possível fazer observações aéreas; lembro-me que a primeira referência ao caso foi feita mediante as fotografias tiradas nas primeiras viagens de Zepelim. Depois, as fotografias aéreas devidas ao comandante KAFURI, no Estado do Rio divulgaram os conhecimentos sobre as restingas, atualmente bem condensados e explanados pelo geólogo ALBERTO LAMEGO no trabalho *Restingas na costa do Brasil* (Boletim 96 do Serviço Geológico). Observando que a zona pantanosa é relativamente estreita, lembra o autor que faz exceção a zona do delta do rio Doce.

Ressalta que a baixada costeira, devido à latitude, é quente e naturalmente insalubre, porém a luta contra o mosquito tem feito prodígios, em vários pontos como, por exemplo no Recife.

A um leigo como Mr. RICH parece que a costa oriental do Brasil poderia prontamente produzir todo o côco e derivados necessitados pelo hemisfério ocidental. Ai está uma afirmação que carece de reparos. A cultura do coqueiro no Brasil é muito pequena; embora não seja desprezível, está longe de poder satisfazer as necessidades do país e mais um volume de exportação de certo vulto. O coqueiro tem certa exigência e só medra bem na faixa areno-humosa próxima ao mar; um pouco mais para o interior, no solo argiloso das Barreiras, o coqueiro define e quase não produz senão quando recebe cuidados especiais e adubação abundante. Como a cultura do coqueiro entre nós é feita por processos muito rudimentares, aproveita-se apenas uma estreita faixa onde sem o menor trato a planta medra bem e dá lucros satisfatórios, sem exigir esforço algum.

Como observação geral notou que a planície costeira que fica entre o planalto brasileiro e o mar apresenta uma dissecção pelos rios com certo caráter de senilidade. Sua topografia, via de regra, não é desfavorável, porém em sua maior parte o solo é arenoso e sáfaro. Há zonas pantanosas porém formando uma faixa estreita, salvo no delta do rio Doce, como já dissemos.

De Vitória ao Rio os panoramas se modificam, as zonas de culturas tornam-se mais freqüentes, a paisagem litorânea apresenta maiores contrastes e tudo isso é minuciosamente anotado pelo autor.

Os aspectos mais focalizados são as "meias laranjas" do vale do Paraíba, o rio Paraíba do Sul na zona de São Fidelis, o perfil da serra dos Órgãos, a Guanabara, a Marambaia e vários aspectos do planalto maduramente dissecado da zona do rio Paraíba.

De São Paulo a Curitiba, focaliza o vale da Ribeira com seu curso alto apertado entre as ondulações erodidas da série São Roque e já mais desafogado no curso médio.

As montanhas da borda do planalto de Curitiba e os campos do interior do Paraná são outras feições que prenderam a atenção do nosso comentado que se ocupa com o rio Iguassú e suas quedas, como último tema sobre a face do Brasil, com observações interessantes e oportunas.

Nos outros países, o autor continua suas observações baseado nas impressões que os panoramas traduzem e certamente lá como aqui, haverá casos em que a imprecisão do processo de análise adotado leve-o a conclusões pouco acertadas. Mas se em certos casos se poderá pôr qualquer restrição às descrições apressadas dum observador aéreo, ou criticar a falta de outras observações mais importantes sobre a terra, esses senões são sobejamente compensados pela incomparável coleção de aspectos fisiográficos que constitue, pelo menos com relação ao nosso país, a mais farta documentação aero-fotográfica que conhecemos servindo especialmente à geografia.

Um fato que traduz a base científica sobre que assenta o livro e o diferencia duma simples coleção de fotografias de turista, são os mapas com a rota seguida, assinalando a posição geográfica dos aspectos fotografados, bem como as direções em que foram tomadas as vistas.

Um índice alfabético faz referência aos assuntos, quer descritos nas páginas de texto, quer assinalados nas fotografias, que ao todo completam uma coleção de 325 vistas magníficas das quais cerca de 103 ou 31% referem-se ao Brasil. Dessas, com a devida vênia, reproduzimos algumas em tamanho reduzido, somente para dar uma idéia do interesse que despertam.

O livro do professor JOHN LYON RICH merece, por isso, uma atenção especial da parte de todos quanto cultivam a geografia do Brasil, além de ser uma obra que agrada e desperta interesse, pela originalidade e pela magnífica apresentação material.